

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Bacia de ágata

Jacqueline M. M. Cartaxo
jac.cartaxo67@gmail.com

Arraste aí uma cadeira no meio do quintal, do alpendre ou da cozinha. Vamos vivenciar lembranças da vovó Adauta Gonçalves Melo preparando nosso cuscuz com leite de coco.

O primeiro utensílio é uma bacia média de ágata, que já tinha passado por outras gerações e estava bem desgastada pelo tempo.

Vamos agora descrever o rapa coco. Um simples utensílio consegue levar nossa memória afetiva para uma viagem de cheiro e sabores.

Feito de um pedaço de madeira e na ponta como se fosse uma colher com garras afiadas pregadas com dois pregos. As raspas do coco cintilavam como nuvens, branquinhas e saborosas. Por sorte do destino, nossa casa fica também no quintal, separada apenas por um pé de carambola. Então, nossa doce convivência era diária. Por isso, concordo quando dizem: casa de vó nunca é longe, é dentro da gente.

Na preparação do cuscuz, que a gente também chamava pão de milho, a massa

já estava em outra bacia de ágata, coberta com um pano de prato branquinho des-cansando um tempinho para crescer e ficar mais fofinha.

Agora, a mão da vovó vai misturando a massa de milho, o coco ralado e levando para a cuscuzeira. O cheirinho já vai invadindo todos os cômodos da casa e, claro, nosso quintal afetivo.

E o café no bule, coado com pano, completava nossa felicidade. E café tem cheiro de conversas, de prosa, de oração, de vida.

O sabor, a preparação, o cheiro, a fumaçinha anunciando que o cuscuz está pronto, continua sendo uma conexão do coser, dos afetos construídos ao redor de uma mesa. Da partilha, do amor e da união. Da presença de Jesus, convidado sempre especial na nossa mesa.

E a gente não precisa de nenhum esforço para voltar nesse tempo saboroso. Basta lembrar do cuscuz que a vida volta a ser simples, feliz e saltitante de alegrias.

E a bacia de ágata vai resistindo ao tempo e contando novas histórias, partilhando sabores nas cozinhas desse mundo de meu Deus. ■

Os jovens não querem trabalhar?

L. Santos
lilicssantosart@gmail.com

Se você é jovem, provavelmente já ouviu a seguinte frase: “os jovens de hoje não querem trabalhar”, ou “os jovens de hoje são sensíveis demais. No meu tempo não tinha isso”. Esse etarismo disfarçado de sabedoria e sermão, na verdade, nos mostra o quão tem sido desafiador ser jovem numa sociedade que não respeita nossas escolhas e limites. A maioria dos jovens negros e periféricos como eu, começaram a trabalhar desde cedo. Viemos de um contexto de vulnerabilidade social, enfrentado a falta de direitos básicos e a violência. Tivemos que ser criativos e batalhadores para sobreviver. Amadurecemos de forma precoce, não tendo nossa infância e adolescência protegida de forma integral. Crescemos vendo nossos pais, sobretudo, mães negras, trabalhando de domingo a domingo. Vivendo uma sobrecarga com pouco ou nenhum aproveitamento da vida pessoal.

Com tranquilidade, afirmo que nossa geração quer sim trabalhar. Mas não em formatos ultrapassados que

mais se assimilam à escravidão do que ao avanço e liberdade. Com as lutas do movimento negro, tivemos a implementação das políticas afirmativas. Apesar do pouco tempo de execução – menos de duas décadas –, é preciso estarmos atentos aos seus primeiros resultados positivos na promoção da igualdade racial. Através das cotas, muitas pessoas negras e pobres puderam ingressar no Ensino Superior. Esse acesso nos faz desenvolvermos habilidades que precisam ser valorizadas e reconhecidas pelas empresas e por nós mesmos, enquanto sociedade. O mercado está acostumado a ver nossos corpos como mercadoria barata, fruto de um pensamento racista e colonial que vem se atualizando dia após dia. Me pergunto: a quem interessa essa narrativa de “preguiça” das juventudes? Acredito que nossas escolhas têm sido fundamentais para denunciar a ruína de um sistema falido de exploração das pessoas. Não somos trabalhadores. Somos pessoas que trabalham. A nossa vida, saúde e conforto não podem estar em segundo plano. A empresa fica. Mas nossa vida passa. ■

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Meu primeiro encontro

Antônio Rodrigues Neri
Estudante universitário

Eu vivi algo único. No último fim de semana decidi ir sozinho à praia e naquele local eu presenciei o melhor encontro da minha vida. As ondas estavam calmas, o vento trazia uma brisa fresca. Sentei-me na areia e fiquei observando as ondas, quando vejo um rapaz vindo em minha direção e sentando próximo de onde eu estava e perguntou que horas o relógio estava marcando. Lhe respondi e não compreendo como um completo estranho parecia trazer uma paz e me conhecer, não lembro de ter conhecido alguém como ele. Decidi perguntar seu nome e ele riu. Após sorrir, respondeu: Emanuel. E ainda brincou dizendo: “Pensei que não fosse perguntar”. Sorri e começamos a conversar, ele me contava da vida, compartilhei umas situações que tenho vivido e me escutava com interesse. Expliquei que meu coração estava aos cacos e que tinha dúvidas sobre o amor. Ele, mais uma vez, olha nos meus olhos e conta que, às vezes, o amor está no silêncio. Conversamos muito. Emanuel perguntou se poderia me abraçar, disse que sim com a cabeça e ele se inclinou para me abraçar. Foi justamente nesse momento que senti uma descarga de adrenalina percorrendo toda a minha coluna. Ele parecia ser alguém de outro mundo, seu abraço juntou meus pedaços. Emanuel levantou, se despediu sorrindo e foi embora. Eu cético, ele crédulo. Eu aos cacos, ele inteiro. Foi ali que conheci o homem mais importante do mundo. Ele promoveu um *reset* em minhas dores, apagou meus medos. Conheci o amor, o perdão e a bondade. Não tenho dúvidas, eu tive meu primeiro encontro com Jesus.



Ele promoveu um *reset* em minhas dores, apagou meus medos. Conheci o amor, o perdão e a bondade.

CARLUS CAMPOS



Pão e circo

Stefany Almeida
Ex-Correspondente O POVO

Virgínia Fonseca é o retrato escancarado da burguesia brasileira: ostenta uma vida de luxo no Instagram, enquanto posa com um ar de inocência quando é chamada pela Justiça. A maneira como ela reage, soltando um: “Que Deus abençoe a audiência, bora pra cima” –, não é apenas debochada, é um tapa na cara da sociedade brasileira.

A condução da CPI escancara o que muitos já perceberam: estamos vivendo mais um capítulo do velho espetáculo de “pão e circo”. Enquanto

a população lida com os danos reais dos jogos de aposta, que desestruturam famílias, drenam economias e adoecem mentalmente milhões, influenciadores lucram, promovem e normalizam esse vício como se fosse brincadeira.

E o mais preocupante é que Virgínia sabe exatamente o poder que tem. Com milhões de seguidores, surge nos *stories* exibindo os supostos “ganhos” com os joguinhos, vendendo uma vida de fantasia.

E a pergunta que fica no ar é a mais perigosa de todas: quem é que não gostaria de ter a vida dela?

CPI das Bets x Influenciadores

Ana Katrine Moraes
Ex-Correspondente O POVO

A Comissão Parlamentar de Inquérito das Bets – CPI das Bets, criada no Senado Federal, tem investigado fraudes e manipulação dos resultados no mercado de apostas. O debate chama atenção para a responsabilidade dos influenciadores digitais, que hoje divulgam sites de apostas sem muitas restrições. Como esses influenciadores impactam, especialmente, jovens e adolescentes, cresce a preocupação com a falta de limites éticos nessas parcerias. A Lei das Apostas (Lei nº 14.790/2023) já trouxe regras importantes, como mais transparência na publicidade, mas, ainda há discussões sobre até onde o Estado pode ir sem ferir a liberdade de expressão comercial. Enquanto uns defendem punições mais duras, outros alertam que o excesso de controle pode acabar restringindo direitos. O que se espera é o estímulo a conduta mais consciente, evitando a glamourização do jogo e promovendo campanhas que alertem sobre os riscos do vício.

Devaneios de uma margarida

Antônio Cícero Viana de Lima Neto
Ex-Correspondente O POVO

Nas escadas da vida
Sob a linha tênue esquecida
encontrei uma margarida
que mesmo cheia de feridas
nunca deixou de sonhar.

Com a vida perfeita
e o ciclo prestes a fechar,
não veio a se abalar
e quis o destino enfrentar.

Com força e coragem
veio sua imagem transformar,
minha linda sonhadora
nunca deixem te sufocar.

E com seu doce sorriso
continue ensinando-me a sonhar,
e assim eu digo com prazer
Quem teve sorte, foi eu, de te conhecer!

Sonetinho do cachorro fujão

Amadeu Neto
Ex-Correspondente O POVO

Cavo um Buraco, eu sarno
encontro a velha Ossada
Infantil, de sangue marcada
em memória... eu Desencarno

Fujo rápido da casinha
em duas patas, me apresso

corro dessa Culpa, não minha
ela me vira do avesso

Um dia desisti de Latir,
a minha raiva descuidada
vira inocência ensaiada

Um dia serei cachorro velho
numa Casa sou domus ator
frio virou brasa, já se foi dor.